

V ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA  
23 A 25 DE JULHO DE 2017

GT01 – ATUALIDADE DO TRABALHO DOCENTE NO ENSINO DE  
SOCIOLOGIA.

**FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCANDOS: DIÁLOGOS ACERCA DA  
PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA PÚBLICA**

Vanessa Simões Ribeiro; Universidade  
Estadual Paulista “Julio de Mesquita  
Filho” – Faculdade de Filosofia e  
Ciências – Campus de Marília; Pós-  
Graduação em Ciências Sociais -  
Mestrado. [Vanessa.simoel@gmail.com](mailto:Vanessa.simoel@gmail.com)

## Resumo

O presente texto analisa a junção de teoria e prática a partir de projetos específicos que permitem discutir a formação dos licenciandos e dos alunos do Ensino Médio (E.M.), tendo como base o ensino de Sociologia. Considera-se que dentro da licenciatura os estágios obrigatórios cumprem a função de viabilizar esta junção, contudo, apresentam dificuldades para os futuros educadores na sua relação com a prática docente. Por isto, que projetos, como o Núcleo de Ensino e PIBID, voltados para estabelecer uma interlocução diferenciada da universidade com a escola se tornam fundamentais para a formação de licenciandos e também dos estudantes do E.M. dentro de outra proposição. Assim, considera-se que o desenvolvimento de atividades específicas em escolas públicas tem a importância da inserção de novos instrumentos e ferramentas para diminuir as dificuldades de aprendizagem. Com base no referencial teórico da Teoria Histórico-Cultural, analisamos a formação do homem como um ser histórico e social, do qual em um processo de aprendizagem, transforma a si e ao seu entorno, internalizando e se apropriando dos conhecimentos aprendidos, neste caso com ênfase dos que são desenvolvidos no interior da escola. Desta forma, o objetivo central deste trabalho é apresentar os resultados que estes projetos proporcionaram na formação dos licenciandos e dos alunos do Ensino Médio.

Palavras-chaves:

## INTRODUÇÃO

A educação escolar nos dias de hoje é fruto do processo histórico das mudanças que ocorreram na sociedade conforme as conjunturas políticas, econômicas e sociais estabelecidas em cada época. As modificações e adaptações no transcurso da história, em que o homem na busca de suprir suas necessidades, acaba por criar novas formas para sua existência. O processo educativo torna-se essencial nas relações do homem com seu espaço e também com o seu meio social, ocasionando na constituição de um conhecimento acumulado e transmitido pelas e para as diferentes gerações. Desta forma que as ciências humanas nos ajudam a compreender os elementos que integram a existência do homem em sociedade e também no entendimento do processo de educação sendo um elemento primordial para as mudanças históricas.

Entretanto, a forma de educação, aqui neste artigo, será tratada na forma de um espaço institucionalizado da sociedade moderna e capitalista, da qual uma de suas funções é na transmissão e socialização dos conhecimentos. Outro ponto importante a se salientar é que a escola está sob tutela do Estado, sendo não só uma instituição educacional, mas também político-econômica e ideológica também. Ela é política porque o Estado tem o seu controle, como reprodução do poder e a estrutura burocrática. Econômica porque dentro da escola se incide a divisão social do trabalho e

formação de força de trabalho. E por último, ideológica por conta do currículo, em sua forma e conteúdo, pelo currículo oculto, dentro das regras do mercado e competitividade, e meritocrática, na distribuição do conhecimento. O sistema educacional, influenciado por essas transformações, reflete nas instituições de ensino, das quais as escolas e universidades públicas estão presentes.

Diante destas constatações, podemos argumentar, com base em leituras bibliográficas, documentais e vivências em um cotidiano escolar e universitário, que o atual cenário educacional está com diversas dificuldades e problemáticas acerca do processo de ensino-aprendizagem. Por isso que é necessário levantar questionamentos e trazer possíveis resoluções para a diminuição destas dificuldades.

A análise sociológica e pedagógica, neste caso, é importante para uma reflexão sobre a educação, mesmo com suas rupturas e delimitações, sendo uma das intenções, examinar qual a função da escola, as dificuldades presentes no cotidiano escolar dos jovens da escola pública, como também complexidade dos licenciandos compreenderem a relação da teoria com a prática, tendo a Sociologia como um fenômeno educativo para a desnaturalização dos fenômenos sociais, pois:

A sociologia da educação configura seu objeto particular quando se constitui como ciência das relações entre a reprodução cultural e a reprodução social, ou seja, no momento em que se esforça por estabelecer a contribuição que o sistema de ensino oferece com vistas à reprodução da estrutura das relações de força e das relações simbólicas entre as classes. (BOURDIEU, 1975, p. 295).

Este artigo faz parte da execução e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)<sup>1</sup> da presente autora, para a finalização do curso de Ciências Sociais, em âmbito de bacharelado. O objetivo geral do TCC foi à criação de novos instrumentos e ferramentas, a partir da discussão de temas sociológicos, para superar algumas dificuldades de leitura e escrita com alunos do Ensino Médio de uma escola pública. Para a efetivação desta pesquisa, teve-se como subsídio teórico e prático o Programa Núcleo de Ensino (NE) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) para desenvolvimento do projeto do PIBIC-JR. Outro programa que teve influência na pesquisa, mesmo que de forma indireta, foi o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Estes três programas, mesmo que o PIBIC seja

---

<sup>1</sup> O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ainda não foi publicado na biblioteca local e ainda passa pelas últimas modificações para publicação. O título é “O ensino de Sociologia no processo de potencialização do saber: novos instrumentos e ferramentas para interpretação da realidade social”.

mais voltado para a pesquisa teórica, são essenciais para a formação de licenciandos e bacharelados, que no caso deste artigo, atem-se para o curso de Ciências Sociais, na interlocução da teoria com a prática na área de Sociologia da Educação.

A intenção do presente artigo é explanar a importância de programas que articulam o tripé da universidade pública em questão, UNESP, que influenciam não somente os estudantes universitários no exercício da docência, como também, ao adentrarem com projetos nas escolas públicas, modificam e subsidiam transformações significativas no cotidiano escolar dos jovens e do corpo docente.

## DESENVOLVIMENTO

Hoje a escola ocupou um lugar central nas discussões sobre reprodução social e dos processos socializadores, sendo ela uma instituição que dentre suas funções em aspectos pedagógicos, também tem a relevância da apropriação da cultura da sociedade e socialização dos conhecimentos. É também um espaço onde as crianças e os jovens passam boa parte da sua vida, muitas vezes somente adquirindo conteúdos e não uma consciência como indivíduo. É possível compreender que além dessa função, a escola tem em sua rotina, práticas, modos de ensino e aprendizagem como elementos de controle, relações de poder e reproduzem as desigualdades na sociedade, não somente sobre classes sociais, mas também étnicas e de gênero.

As relações sociais projetam a força de motivos e necessidades dos sujeitos, o que nos remete ao entendimento da unidade cognição-afeto, sem o que a aprendizagem não se estabelece. Experiências e vivências pessoais tornam-se integradoras dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, no que nos aproximamos da compreensão da produção, sentido subjetivo contínuo do ser humano. (TACCA, 2006, p. 60).

É importante salientar que a escola tem que fazer sentido aos alunos, dos quais muitas vezes perdem o motivo principal de estarem ali por tanto tempo, mesmo que a escola não seja somente um espaço de conhecimento, como também o é um espaço de socialização. Tragtenberg (2004) afirma que “hoje em dia a preocupação maior da educação consiste em formar indivíduos cada vez mais adaptados ao seu local de trabalho, porém capacitados a modificar seu comportamento em função das mutações sociais.” (p. 35). Seguindo que...

Da mesma maneira que o mercado de trabalho é regalado pela competição, no interior da escola ela é cultuada nos sistemas de promoção seletivos. O aluno é obrigado a estar na escola e é livre para decidir se quer trabalhar ou não, ter êxito ou não, como o indivíduo é livre ante o mercado de trabalho. (p. 41).

Assim, é na escola que tem-se o aprofundamento dos problemas sociais criados pela sociedade, não só refletindo a vida particular de seus agentes, mas também sendo muitas vezes agravados por a escola encontrar-se à margem das discussões políticas. Mesmo que nas universidades públicas essas contradições se encontram no seu interior, é de forma menos nítida do que podemos ver nas escolas públicas.

A universidade pública, um centro privilegiado do saber, tem em seu papel com a sociedade na formação dos futuros profissionais, em bacharéis, licenciados, pesquisadores, tem-se como uma instituição por excelência desde a fundação da USP e da Universidade do Brasil. Devido aos modelos de implementação de instituições privadas, desde meados 1970, o ensino superior público teve-se que se adequar aos modelos privados, já que estes estavam ligados a um academicismo intelectual e eficiente mais “favorável” ao sistema. Essa entrada em um contexto sob condições materiais de acumulação flexível do capital. A universidade pública teve sua “eficiência” pautada no produto do mercado e competição com outras universidades, mas esta tendo as dificuldades de se contentar com verbas públicas. As preocupações tornam-se maiores quando se questiona os dois tipos de universidades, em condições sócio-econômicas que são analisadas, “sabe-se que nas carreiras menos competitivas a proporção de ingressantes oriundos de colégios públicos é maior” (SILVA, 2001, p. 297). Entenderam-se essas condições com a chamada modernização para responder as indagações que a ideia de ensino superior deveria se adequar.

O reflexo do desinteresse governamental, baseado não em necessidades de mão-de-obra de produção, mas sim de consumo, sob as escolas públicas, também estão nas universidades, vistos que para os que querem adentrar no ensino superior, e no caso em universidades públicas, os alunos de escolas públicas têm menores condições dos que estudam em escolas privadas ou fazem cursinhos para vestibulares. “É sabido que as universidades públicas que atingiram altos padrões de ensino e pesquisa foram aquelas que optaram pela valorização da dedicação exclusiva e pela pesquisa básica [...]” (SILVA, 2001, p. 299).

A universidade pública se firma na função de três pilares denominados como atividades-fins, sendo elas, a pesquisa, ensino e extensão. “O ensino (universitário) se

destina à formação de profissionais de nível superior e, como tal, se centra basicamente na transmissão do saber; já a pesquisa se destina basicamente à produção de novos conhecimentos, à ampliação da esfera do saber humano.” (SAVIANI, 1984, p. 48). A extensão “cabe à universidade socializar seus conhecimentos, difundindo-os à comunidade e se convertendo, assim, numa força viva capaz de elevar o nível cultural geral da sociedade.” (*idem*, p. 48).

No que condiz aos cursos voltados para a licenciatura, na formação para o exercício da docência, entre eles o de Ciências Sociais, temos em vista uma dificuldade com a desvalorização da docência, sendo que “a educação, como objeto ou campo de atuação, há muito vem passando por um processo de desvalorização, não só entre cientistas sociais, mas também quanto ao que se refere ao nível básico.” (MORAES, 2003, p. 10). Entretanto, infelizmente, neste espaço não teremos como aprofundar os díspares entre professor e pesquisador, um assunto do qual sempre permeou os âmbitos entre formação em bacharelado e a de licenciatura.

Nesta perspectiva que a licenciatura das Ciências Sociais da UNESP de Marília, teve seus percalços refletidos pela intermitência da disciplina de Sociologia no currículo básico, mas mesmo em épocas que se valorizava mais o bacharelado em contrapartida de não haver a disciplina efetivamente nas escolas, foram formulados e colocados em prática projetos para construir uma autonomia aos estudantes em formação e de intervenção nas escolas públicas. Diante de uma integração entre a universidade pública e a escola pública, levou aos agentes escolares e comunidade à novas reflexões para a transformação da função da escola e do desenvolvimento de uma educação de qualidade.

O sentido da universidade também modifica neste processo, dando outra visão para a formação dos graduandos, auxiliando com práticas pedagógicas e também com reflexão sobre a educação que temos e a educação que queremos. “Essa formação se apresenta na contra-corrente da política governamental, que visa o aligeiramento e a superficialidade no processo de formação [...]” (MENDONÇA, 2005, p. 345). Além dessas questões importantes tem-se a união dos três pilares da universidade, na relação entre ensino, pesquisa e extensão, para que se possa articular outras perspectivas sociais e políticas para a escola e seus sujeitos.

Um dos programas que consolida esses pilares é o Núcleo de Ensino. Este programa iniciou-se na UNESP em 1987, sendo vinculada à Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD) engloba diversos projetos em diferentes graduações, não só as que

possuem licenciatura. Na Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília, o Núcleo teve seu início nos anos de 1993 e está vigente até os dias de hoje. Muitos foram os percalços enfrentados, principalmente na questão de investimentos, devido também a uma crise econômica em todo o Brasil, por isso houve uma diminuição de projetos e bolsas no decorrer dos anos.

O programa teve uma proeminência para a universidade com a finalidade de discutir a formação de professores, a articulação entre teoria e prática e as ações entre as escolas públicas e a universidade. Mas seu principal objetivo é direcionar aos jovens graduandos para o ambiente escolar, auxiliando para que eles possam criar sua própria experiência e desenvolvimento como futuros professores, com um crescimento intelectual e educacional nestes aspectos.

As ações dos estudantes graduandos são orientados por um professor universitário que o incentiva para ir além da pesquisa, vinculando-se com a prática para responder às suas perguntas fornecidas pela experiência. O ensino faz parte de ambos os lados, sendo de suma importância para o desenvolvimento do projeto, tanto para estudantes graduandos, como para o professor universitário e os agentes escolares.

Dentro do curso das Ciências Sociais, a licenciatura prioriza o acesso do graduando à escola, estabelecendo uma junção da teoria e da prática, pautando-se na concepção de professor/pesquisador. Os futuros educadores têm a oportunidade de conhecer a realidade educacional ainda em seu período de graduação, contribuindo no processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem, na junção da teoria e da prática. Com essas experiências, o graduando terá melhores condições de “enfrentar” as dificuldades existentes na prática pedagógica, como também saber agir de forma mais amadurecida com a estrutura da escola e sua relação com os agentes escolares.

Devido a estes tipos de projetos, o graduando age diretamente com o cotidiano escolar, tendo às vezes a oportunidade de ter uma aproximação direta com os alunos da escola, o que, entretanto, pode faltar em seus estágios obrigatórios. Muitos dos graduandos da licenciatura só têm a experiência escolar em um pequeno período, nos estágios obrigatórios, o que dificulta uma reflexão maior do processo educacional em que está inserido. Diferente dos projetos, no estágio, por diversas vezes, os graduandos assumem uma postura de ouvinte, com mínimas intervenções nas aulas em que está observando como estagiário.

De forma alguma, esta pesquisa relaciona os estágios obrigatórios de forma pejorativa, tanto ao graduando, como ao professor titular da aula em que se observa.

Sabemos a dimensão e complexificação que é ministrar aulas para cerca de 40 alunos em um período de 50 minutos cada aula, sendo dificultoso abrir suas aulas para outras intervenções. Por isso a importância de projetos para possibilitar novos horizontes para ambos os lados, havendo uma reflexão do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando uma educação qualitativa com trocas de informações e conhecimentos. Além do Núcleo de Ensino, outros programas também têm relevância dentro da licenciatura, como também no bacharelado, construindo um laboratório pedagógico permanente na universidade, onde possam trocar experiências. Outro exemplo de programa na licenciatura é o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), que teve início em 2009 na Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília, abrangendo aos cursos de Ciências Sociais, Filosofia e Pedagogia. No início o projeto, o PIBID de Ciências Sociais era integrado pela Filosofia e Ciências Sociais da UNESP de Araraquara. Somente em 2012 que o curso de Ciências Sociais em Marília, ficou com seu projeto próprio. Os graduandos em Ciências Sociais ainda podem participar também do Sub-Projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA), vinculado à Pedagogia e Filosofia.

Por último podemos citar outro programa que este está vinculado à pesquisa, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Este programa não tem como objetivo principal ter projetos de extensão, abrangente para todos os cursos, de bacharelado e licenciatura, priorizando a pesquisa.

Desta forma que neste conjunto de projetos, dos quais são alguns dentre os diversos na universidade, tem a possibilidade de fazer análises e transformações da realidade social. Estes, de certa forma, conseguiram ampliar o diálogo com as escolas, aumentar a produção de pesquisas sobre a educação, sociologia e escola, enfim, um enfoque para práticas pedagógicas e conhecimentos teóricos necessários na construção dos saberes dos sujeitos.

Para a execução do artigo, portanto do TCC, o projeto do Núcleo de Ensino foi desenvolvido em conjunto com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Junior (PIBIC-JR), tendo sua duração de 2 (dois anos) desenvolvido no período de 2015-2017. Este projeto do NE foi elaborado para trabalhar diretamente com os projetos vinculados ao PIBIC-JR, com as colaborações do PIBIC e do auxílio da Bolsa de Assistência de Auxílio Econômico (BAAE).

O Programa de Iniciação Científica Júnior (ICJ) está vinculado ao CNPq desde 2003, com a finalidade de



Despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes do ensino fundamental, médio e profissional da Rede Pública, mediante sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica, orientadas por pesquisador qualificado, em instituições de ensino superior ou institutos/centros de Pesquisas. (CNPQ, Anexo V da RN 017/2006).<sup>2</sup>

No vínculo com a UNESP-Reitoria está a Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPe) que auxilia a interlocução do programa com a universidade, sendo chamado por PIBIC JUNIOR. Os alunos do Ensino Médio precisam estar regularmente matriculados em escolas públicas e participarem das atividades do programa. O programa por cada edital tem duração de doze meses mediante quota de bolsa de Iniciação Científica para cada um dos alunos. No caso da UNESP, para cada edital do PIBIC-JR haveriam a atribuição de três bolsistas por projeto.

O objetivo principal do projeto do PIBIC-JR foi de potencializar o processo de ensino-aprendizagem, diante da discussão sob temas sociológicos do cotidiano dos participantes bolsistas, a fim de tentar diminuir algumas dificuldades presentes na escola, como na leitura e escrita. Para isso os instrumentos e ferramentas que foram utilizados para promover atividades de leitura e escrita foram para a elaboração de uma Revista Científica e de um Blog. Todas as atividades que foram elaboradas e aplicadas tiveram a participação ativa dos bolsistas da escola, bolsistas da universidade e os professores de ambas as instituições.

Mesmo que a intenção era de proporcionar novos elementos para ajudá-los no cotidiano escolar, uma das preocupações existentes era de mostrarmos como que o campo da Sociologia poderia abranger não somente aspectos científicos, próprios da educação escolar, mas também referentes as suas vidas fora daquele ambiente. Também era importante salientar que esses instrumentos não equivaliam somente para a discussão sociológica, mas das outras diversas disciplinas em que eles estudavam, portanto, demonstrando um objetivo de um salto qualitativo para o ensino daqueles estudantes.

No que condiz o campo teórico, para embasamento bibliográfico dos pesquisadores universitários, a Teoria Histórico-Cultural foi o referencial utilizado para se pensar tanto nas atividades elaboradas, como também, e talvez o principal, dar o direcionamento do que entendemos pela formação humana. Problematizando primeiramente pelo autor Alexis Leontiev, o sujeito aprende na perspectiva cultural,

---

<sup>2</sup> Este anexo está presente no site: <[http://www.cnpq.br/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/100352#rn17065](http://www.cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100352#rn17065)> Acesso em: 26 mar 2017.

remetendo a Karl Marx, que o homem só se torna homem a partir do trabalho, tornando-se também o homem como ser social. A teoria de Leontiev é de que toda atividade é resultado de todas as influências sociais e é um processo essencial, do que se denomina de Teoria da Atividade. Como todos os homens têm a mesma potencialidade de interferir na natureza de forma intencional, o homem pode se apropriar de qualquer tipo de cultura, libertando-se do biológico para a capacidade intelectual.

A principal característica do processo de apropriação ou de “aquisição” que descrevemos é, portanto, criar no homem aptidões novas, funções psíquicas novas. É nisso que se diferencia do processo de aprendizagem dos animais. Enquanto este último é o resultado de uma adaptação individual do comportamento genérico a condições de existência complexas e mutantes, a assimilação no homem é um processo de reprodução, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas na espécie humana. (LEONTIEV, 2004, p. 288).

A cultura material e intelectual é uma ferramenta psíquica para o homem apropriar-se do conhecimento, pois todos têm as capacidades dadas como espécie, sendo somente o que diferencia são as realidades específicas de cada um. Portanto, afirma Leontiev (2004), “O homem é um ser da natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade.” (p. 279). Assim, a forma de adquirir os processos de cultura é posta na Educação, por isso que tem que haver a mediação do professor com os alunos em sala de aula, no processo de ensino e aprendizagem para que o aluno não somente reproduza os conteúdos, mas sim que se aproprie desses novos conhecimentos. Sem a educação não se tem um legado cultural da espécie e seria impossível a continuidade do homem no processo histórico, como as gerações futuras podem aprender com as gerações passadas, pois o movimento da história só é possível com a transmissão às novas gerações, das aquisições da cultura humana. “O movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com educação.” (LEONTIEV, 2004, 291). A consciência é o que faz o homem se mover para aquilo que ele precisa, com um objetivo para cumpri-lo, por isso a importância de se compreender esse desenvolvimento para se analisar o processo de ensino e aprendizagem do aluno na escola.

Para Lev Vygotsky, principal articulador da THC, discute o desenvolvimento psíquico, para superar a visão do homem, de educação e de aprendizagem posta pela psicologia ocidental tradicional. Para Vygotsky, a aprendizagem necessita da mediação

do sujeito mais experiente com o menos experiente, pois tornar-se humano, está em um primeiro momento externo, e depois o indivíduo se apropria do conhecimento, e a partir do momento em que se apropria, ele não perde o conhecimento. Para ele a aprendizagem é:

uma atividade de produção e reprodução do conhecimento mediante a qual a criança assimila os modos sociais de atividade e de interação, e mais tarde, na escola, os fundamentos do conhecimento científico, em condições de orientação e interação social. Dessa forma, a aprendizagem é concebida como uma atividade especificamente humana orientada para um objetivo. Nessa concepção de aprendizagem, destacam-se três elementos importantes: o caráter social, a categoria atividade e a categoria mediação. (NÚÑEZ, 2009, p. 25).

## CONCLUSÃO

O estudante, dentro e fora da escola, sempre estará em atividade, pois tudo o que lhe desperta interesse é motivado a incorporar essa atividade, internalizando por meio de ações, o conhecimento aprendido. Acreditando nestas perspectivas que o projeto pôde ser desenvolvido, buscando a autonomia dos estudantes e possibilitando novas visões sobre a sociedade, para questionamentos e internalizações, além da só transmissão de conteúdos.

A apropriação da cultura esteve a todo momento permeando as atividades, já que com a realização delas foram materializados os textos e diálogos entre o grupo. No âmbito individual, em uma relação intrapsíquica de cada bolsista, o processo de internalização dos conteúdos complexificaram suas funções psíquicas superiores possibilitando a generalização do conhecimento adquirido e a externalização em suas relações interpessoais e construção de novos instrumentos e ferramentas. Portanto, a apropriação de conceitos científicos possibilitaram o desenvolvimento psicológico dos bolsistas, visto que mesmo antes deles iniciarem o projeto, do qual já tinham um conhecimento acumulado pelos anos de escolaridade, o projeto proporcionou outros olhares para a formação do pensamento teórico e científico.

Dayrell (2007) nos ajuda a compreender a relação da juventude com a escola nos dias de hoje, já que vemos no cotidiano escolar algumas contradições que distanciam os jovens da escola. Uma delas é de que o jovem não vê sentido em sua formação, muitas vezes sentindo-se obrigado a estar naquele espaço. Outra é de problematizar as próprias condições que a juventude se encontra nos dias de hoje. A juventude tornou-se uma

camada social específica, com um caráter heterogêneo, com diferenças de classe, gênero e etnia, da qual os das camadas populares têm desafios de sobrevivência, já que o trabalho também “faz” as juventudes. As transformações sócio-culturais ressignificaram o conceito de juventude e em relação ao Brasil, esse campo abrange-se por ser um país sub-desenvolvido.

Nas etapas para elaboração do Blog e da Revista Científica, as problemáticas vieram à tona devido aos questionamentos que os jovens faziam, dos quais não conseguiam ter respostas ou explicações para o que viviam. Esse fato tornou-se mais claro e evidente na etapa final do projeto, quando os jovens já estavam mais maduros, como na discussão sobre juventude e trabalho. Com o término do Ensino Médio, estes bolsistas puderam ter uma compreensão para além do mercado de trabalho e do vestibular. Eles puderam, dentro das possibilidades de cada um, abarcar uma reflexão da sociedade em seu entorno, no papel que possuem e de como a sociedade pode ser transformada por eles.

Mendonça (2011) afirma sobre o significado social da escola, “[...] a relação entre os sujeitos e o significado não é direta e imediata, ela exige mediações que possibilitem a atribuição de sentido pessoal, por parte dos sujeitos, ao significado, expressão de práticas sociais cristalizadas.” (p. 348). É desta forma que a Sociologia se faz presente com conteúdos que auxiliam na busca de analisar das contradições da sociedade, ajudando aos jovens a desvelarem sua realidade social. A criação do sentido pelos jovens será na busca e apropriação do conhecimento com relação a seu cotidiano, senão de nada vale os conteúdos trabalhados, já que não têm significado, nem sentido para eles.

Estes jovens puderam se apropriar da experiência humana, como Leontiev e Vigotski escrevem, que puderam se constituir como ser humano. Eles produziram e reproduziram o que tem de mais rico na história do homem: o conhecimento incorporado das mais diversas manifestações culturais e materiais. “O ensino é a possibilidade de formar a pessoa em sua dimensão humana, como sujeito histórico-cultural capaz de, ao se produzir, produzir o mundo.” (SERRÃO, 2006, p. 31).

Alguns caminhos podemos delinear para diminuir as dificuldades existentes, como na busca por novas propostas pedagógicas, análise e construção de conteúdos e materiais didáticos, maiores diálogos entre os agentes participantes da realidade cotidiana escolar e uma interlocução com a universidade através de projetos. Essas podem ser propostas para pensarmos novas possibilidades para uma educação

humanizadora, para uma reflexão da sociedade e da realidade a fim de transformá-la. Para isso não podemos deixar de lado a formação de educadores no Ensino Superior como também na formação dos educandos do Ensino Básico. A importância de pesquisas no âmbito da educação e no que condiz esta pesquisa, no ensino de Sociologia, deve ir para além da distinção entre teoria e prática.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Valéria; MENDONÇA, Sueli G. de L. Formação de Professores de Sociologia: um Estudo à Luz da Teoria Histórico-Cultural. **Revista Mediações**, v. 12, n.1, Londrina, 2007, p. 159-176.

BARBOSA, Maria Valéria; MENDONÇA, Sueli G. de L.; SILVA, Vandei P. **Formação de professores e prática pedagógica: sociologia e filosofia no ensino médio na escola atual.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13. Grupo de Trabalho 9 – Ensino de Sociologia, 2007. Recife, PE: SBS, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975. Pág. 295.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Campinas: Caderno Cedes Revista Educ. Soc., v. 28, n. 100 – Especial, 2007. p. 1105-1128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

LEONTIEV, Alexis N. **O desenvolvimento do psiquismo.** 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MARTINS, L. M. Formação de professores: desafios contemporâneos e alternativas necessárias. In: MENDONÇA, S. G. L., SILVA, V. P., MILLER, S. (orgs). **Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações** – 2º ed. – Araraquara - SP: Junqueira&Marin; Marília – SP: Cultura Acadêmica, 2012. Pág. 449 – 475.

MENDONÇA, Sueli G. L. Núcleo de Ensino/Unesp: trabalho diferenciado na formação de professores de sociologia. In: PINHO, S. Z.; OLIVEIRA, J. B. B. (Org.). **Núcleos de Ensino da UNESP - Artigos 2005.** São Paulo/SP: Cultura Acadêmica; Universidade Estadual Paulista - Pró Reitoria de Graduação, 2005, p. 343-356. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Nucleo%20de%20Ensino%20Unesp.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

MENDONÇA, Sueli G. L. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Cadernos CEDES**, Campinas, Unicamp, v. 31, n. 85, dez., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n85/03v31n85.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

MORAES, Amaury C. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social**, São Paulo, USP, v. 15, n. 1, p. 5-20, 2013.

Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702003000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100001)>. Acesso em: 03 abr. 2017.

NÚÑEZ, Isauro Beltrán. **A formação de conceitos na perspectiva teoria de L. S. Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento.** IN: Vygotsky, Leontiev, Galperin: Formação de conceitos e princípios didáticos. Brasília: Liber Livro, 2009. p. 25-89.

SAVIANI, Dermeval. **Ensino Público e algumas falas sobre universidade.** São Paulo: Cortez: Editora Autores Associados, 1984.

SERRÃO, Maria Isabel B. **Aprender a ensinar: a aprendizagem do ensino no curso de pedagogia sob o enfoque histórico-cultural.** São Paulo: Cortez, 2006

SILVA, Frankin L. Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública. **Revista Estudos Avançados**, vol. 15, n. 42, São Paulo, 2001. Disponível em: << [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200015) >>. Acesso em: 04 jul 2017.

TACCA, Maria Carmen V. R. Relações sociais na escola e desenvolvimento da subjetividade. In MALUF, M. I. (coord). **Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade.** Petrópolis/RJ: Vozes; São Paulo: ABPp Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2006. Págs 60 – 85.

TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2004.